

## 28. NO TRABALHO DE CADA DIA

Ao médico, sobretudo ao clínico, o consultório privado é essencial.

Mesmo que o clínico tenha poucos clientes agendados, ou, eventualmente nenhum, o seu comparecimento, regular, ao consultório se presta para muitos fins. Lá, há tempo para estudar, esclarecer, ao telefone, dúvidas quanto a tratamento ou outros problemas de clientes, renovar prescrição de medicamentos de venda restrita, além de outras tarefas que, ao final do expediente, costumam consumir, às vezes, um turno inteiro.

A propósito disso, reitero, por ser de Justiça, o apoio do Doutor Marcelo Martins Rodrigues, me foi, também, da maior importância, cedendo-me, sem qualquer ônus, alguns horários, no seu consultório e indicando-me para atender pacientes seus, quando ele não dispunha de tempo.

Foi na rua Itaiçaba, perpendicular à rua Pereira Filgueiras, vizinha ao **Hospital São Raimundo**, que montei o primeiro consultório próprio, tendo cedido horários para os colegas **Sérgio Gomes de Matos e José Maria Bonfim**. Naquela casa, outras salas foram ocupadas por Dr. **Marcelo Martins Rodrigues** e pelo Dr. **Pedro Henrique Saraiva Leão**. Poucos anos depois, mudamo-nos, eu, Sérgio e José Maria (sala 102) e Marcelo (101), para o vizinho prédio do Edifício Maria dos Anjos, na rua Pereira Filgueiras, também na vizinhança do Hospital São Raimundo, tendo permanecido neste endereço por um bom tempo. Anos mais tarde, me mudei para uma sala própria, no Edifício São Paulo, na esquina da Avenida Barão de Studart com rua Tomás Acioli. Aquele espaço era amplo, porém havia escassez de vagas para estacionamento de carros, o que me estimulou, mais uma vez, a vender a sala e adquirir outra, no Edifício *Equatorial Trade Center*, de onde não há planos de sair, enquanto atividade de consultório eu tiver. Tratando-se de um bom espaço, dividi-o ao meio, sendo que compartilho a minha parte, em horários diferentes, com Milena, a filha Gastroenterologista, cabendo a

outra divisão a Leonardo Bezerra, Uroginecologista e Evelyne, minha outra filha, esposa dele.

Tenho exercido a Clínica, para pacientes de ambos os sexos, adultos e idosos, com uma quantidade razoável de pacientes longevos. A respeito disso e em situações cabíveis, não hesito em solicitar a participação de um Geriatra formal e, se necessário, transferir-lhe, completa ou parcialmente, a responsabilidade do seguimento do paciente. Em certas circunstâncias, convoco um ou mais colegas especialistas, em área específica, com quem continuo partilhando a assistência. Procuo, igualmente, estender a minha presença, quando necessária e solicitada, à assistência domiciliar e hospitalar.

Felizmente, para os pacientes, uma grande parte dos planos de saúde e caixas de assistência oferece home care, para os seus beneficiários, com visitas periódicas de uma equipe multidisciplinar. Não são raras, porém, situações em que se faz necessária uma consulta domiciliar ou hospitalar, nem sempre atendida, em tempo hábil, pelos credenciados daqueles planos. Noutras vezes, mesmo com boa assistência dos referidos médicos, tenho sido convocado para emitir um parecer, em situação crítica ou potencialmente grave, para cuja decisão a família se sente mais segura com a participação do médico do seu conhecimento prévio.

O certo é que, em qualquer circunstância que demande mais de um especialista, médico ou paramédico, o clínico ou o médico de família deve, sempre que possível, manter a coordenação das ações diagnósticas e terapêuticas. Para tanto, deve tomar a si a tarefa de manter uma comunicação permanente com os demais profissionais da assistência, com o paciente e com sua família, no sentido de racionalizar os procedimentos, não apenas quanto aos dispêndios financeiros, mas, sobretudo, para que a assistência ao paciente se dê no melhor sentido da boa competência profissional e da ética hipocrática.